

“A CASA DE SATANÁS”: FÉ, MÚSICA E RESSIGNIFICAÇÃO RELIGIOSA NA TRAJETÓRIA DE ÉDSON GOMES

Claudefranklin Monteiro Santos

Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. É Graduado em História e Mestre em Educação pela UFS e Doutorando em História pela UFPE. Membro do Grupo de Pesquisa Culturas, Identidades e Religiosidades.

INTRODUÇÃO

O contexto de lançamento de Édson Gomes na grande mídia, com o sucesso “Malandrinha”, confunde-se com algo já vivenciado pelo próprio Bob Marley: “(...) *apropriação de expressões musicais integrantes do fluxo cultural internacionalizado*”. (PINHEIRO, 2007, p. 163).

Robert Nesta Marley, Bob Marley, jamaicano de origem, popularizou o reggae em todo o mundo e em muitas das vezes é até confundido com esse gênero musical. De forte cunho social, Marley produzia uma musicalidade engajada e disseminava as idéias do Rastafári na mesma, tácticas mais tarde adotadas pelo próprio Édson Gomes.

Iniciado na Jamaica, o Rastafári é uma crença religiosa onde seus adeptos acreditam que Hailê Selassiê I, imperador da Etiópia foi a representação terrena de Jah (Deus). O nome *Ras* (“príncipe” ou “cabeça”) + *Tafari* (“da paz”) *Makonnen*, refere-se ao nome original de Hailê Selassiê. No Brasil, o termo não assumiu uma conotação religiosa ou mesmo uma prática, centrando-se mais na musicalidade ou no estilo.

Numa carreira curta, interrompida pela fatalidade da doença que o vitimou, Marley imprimiu um novo *habitus religioso* (BOURDIEU, 2003), ressignificando muitos princípios rastafáris, como o uso da maconha para fins espirituais. Sua mensagem de paz e de fraternidade universal virou bandeira entre os jovens, que ainda hoje o idolatram como a um profeta iluminado.

O presente trabalho pretende, sob a ótica da religiosidade, perceber até que ponto o cantor baiano reinventou o reggae; que elementos do Rastafári permaneceram em sua nova religiosidade no momento anterior e pós-conversão à Igreja Evangélica.

Édson Gomes pode ser inserido na chamada onda “black music gospel”, que tem seus antecedentes nos Estados Unidos e se espalha mundo a fora, atingindo em cheio a musicalidade reggae. À luz dos estudos de Daniele Hervieu-Léger e de Márcia Leitão Pinheiro, perscrutaremos suas letras num lastro histórico e social, analisando seu discurso e

cotejando-o com sua prática. Para tanto, ilustra o texto tabelas mostrando a recorrência de temas religiosos em sua discografia e letras

A escolha de Édson Gomes para analisar essa relação entre uma musicalidade profana marcada por uma mensagem religiosa não se dá à toa. Tanto o artista como a sua produção se enquadram de modo exemplar no que os especialistas chamam de novas formas do viver evangélico no mundo contemporâneo, não necessariamente enfrontado ao institucional (sem se apartar por completo deste, vivendo meio que à margem dessa religião), mas orientados por princípios que corroboram a sua relação com o divino, por meio da arte musical.

ÉDSON GOMES, UMA TRAJETÓRIA DE SUCESSO E POLÊMICA

Édson Gomes nasceu no dia 03 de julho de 1955 na cidade de Cachoeira, interior da Bahia. Povoada por volta do final do século XVI, apresenta uma efervescência cultural destacada, influência dos vários povos que a formaram ao longo dos anos, como indígenas, portugueses, espanhóis, franceses, ingleses e principalmente etnias africanas. Historicamente reconhecido como sendo o berço do reggae brasileiro, é também terra natal de um dos parceiros do artista, o Nengo Vieira, co-autor de músicas de sucesso como “Falar de Amor”.

Quando criança e adolescente, sonhava em ser jogador de futebol. Ingressou na carreira artística logo cedo, aos 16 anos de idade, quando descobriu que seu talento mesmo era para a música. Com a música “Todos Devem Carregar a sua Cruz” alcança o primeiro lugar num concurso de música juvenil, ainda em Cachoeira.

Mesmo trabalhando na construção civil, quando é obrigado a abandonar os estudos, continua dedicando-se à música, o que lhe rendeu outros prêmios: melhor intérprete do Festival Canta Bahia e o Troféu Caymmi, com a música “Rasta”.

No início dos anos 1980, em São Paulo, Édson e Nengo buscavam uma nova inspiração musical depois de outras experiências (Édson Gomes imitava Tim Maia e costuma dizer que ele foi um de seus grandes referenciais musicais). O reggae jamaicano de Bob Marley foi a grande sacada para a dupla. Juntos produziram os três primeiros CDs de Édson. Nengo Vieira tornou-se evangélico depois de se separar do antigo parceiro, em 1988. Nesse ano, grava seu primeiro LP e estoura no Brasil com o sucesso Samarina.

Diferentemente de Édson Gomes que mescla o estilo “rasta”, que lhe deu envergadura nacional, com temas religiosos de inspiração evangélica, Nengo Vieira passou a dedicar-se exclusivamente ao chamado “reggae de Jesus”.

As polêmicas nas quais se envolveu o compositor e cantor baiano Édson Gomes, em sua maioria, se deram pela necessidade de uma afirmação de identidade, não só do reggae, da cor, da condição social, mas também da afirmação cultural num mercado marcado pela grande mídia que impõe obstáculos a um tipo de música que leve o sujeito a pensar e a agir politicamente. Uma música engajada, como se diz.

Quanto a isto, vale ressaltar que o artista esteve às voltas com problemas judiciais com a TV Globo. Amparado pela Lei nº 9.610/98, art. 24, II e art. 108, Édson Gomes vez valer o direito autoral no Brasil, quando esta emissora omitiu a autoria da canção Mercado Branco no primeiro episódio da série “Ó Paí, Ói”, interpretada pelo autor Lázaro Ramos.

Sua atuação política sempre esteve presente em sua musicalidade, sem necessariamente ter uma conotação religiosa. A luta contra o sistema, prefigurada na polícia é sua marca registrada, não permitindo a presença da mesma em seus shows; embora isso tivesse mudado nos últimos anos, em especial, quando este assume publicamente sua postura evangélica.

Em três momentos de sua discografia, a polícia é eleita como o braço do sistema perverso denunciado pelo artista baiano em sua musicalidade reggae: 1) “*Juventude toda perdida / Uma juventude mal dirigida / E mesmo protegido pela polícia / Nós não estamos livres da violência*” (faixa 7, CD Campo de Batalha, 1991); 2) “*Olha doutor, podemos rever a situação / Pare a polícia, ela não é a solução, não*” (Camelô, faixa 3, CD Apocalipse, 1997); 3) “*Brother é tanta criminalidade / As pessoas se trancam em suas casas / Pois não há segurança nas vias públicas / E nem mesmo a polícia pode impedir / As vezes a polícia entra no jogo*” (faixa 12, CD Samarina, 2003).

Essa postura do cantor, também entendida como sendo de “reggae de protesto”, fez com que sua carreira fosse repleta de contratemplos em contratos de shows e de alcance do espaço midiático. A chamada grande mídia é até hoje avessa ao “reggae man” baiano. Porém, sua musicalidade alcança os quatro cantos do país e inspira gerações de jovens e de adultos na necessidade de refletir sobre os muitos problemas sociais e políticos do Brasil.

Colecionando sucessos e desafetos, Édson Gomes imprimiu uma nova forma de fazer música reggae no país, cuja religiosidade aqui analisada é latente em mais da metade de suas oitenta e quatro canções. Escolheu o sistema como o alvo de todas as mazelas e o vê de uma forma abrangente, até mesmo na música e, sobretudo na religião (apesar de sua rápida experiência como evangélico institucional).

A trajetória de Édson Gomes foi sempre marcada por convulsões e polêmicas. Temas como maconha ou a aversão à polícia em shows não são mais parte de sua postura no palco e nos estúdios de gravação. Nem por isso, deixa de cantar os velhos sucessos, agora vistos sob a ótica da diversão, sem claro, perder o foco da crítica social de que ele nunca abandonou e que se faz presente até mesmo em suas músicas de cunho evangélico, se é que se pode dizer assim, ou que falam de Deus e do Salvador.

Sobre as drogas, embora não diga claramente se já fez uso ou apologia das mesmas de forma franca e aberta, quando indagado costuma dar a elas uma conotação religiosa. Para o artista, as drogas escravizam e nada mais poder escravizar o homem, haja vista que o negro já foi cativo físico na História do Brasil. Afirma em entrevista a Antonio Carlos da Fonseca Barbosa (02/05/2006), portal Ritmo Melodia, que

As drogas trazem um relaxamento, mas causa dependência. E as pessoas começam a fazer de tudo para tê-la. Eu canto e faço reggae divorciado da maconha e de qualquer droga, mesmo a que uso. A bebida. O que eu tenho que passar para pessoas através de minha música não é meu lazer, mas a conscientização.

Embora negue ter sido Rastafári, em entrevista ao Diário do Nordeste (2002), onde afirmou: *“Eu sempre fui cristão, porém, nunca havia me congregado e já não estou mais. Meu coração pertence a Cristo. Meu trabalho sempre foi espiritual e não mudou muito. Mudou a minha consciência, a minha percepção sobre a existência de Deus”*; Édson Gomes deu uma guinada importante em sua vida ao tornar-se evangélico no início do milênio. Ele reafirma o ideário cristão presente em seus outros discos, mas a partir de *“Acorde, Levante e Lute”* (2001), vê-se um cantor mais maduro e mais centrado. Além do grande hit *“Inquilino das Prisões”* (faixa 7, 2001), mais da metade das canções trazem canções de cunho religioso, que são abordadas aqui nesse texto.

“FALAR SÓ DE AMOR” – FÉ E RESSIGNIFICAÇÃO RELIGIOSA

Em entrevista no ano de 2007, concedida a Antonio Carlos da Fonseca Barbosa, no site da Ritmomelodia (<http://www.ritmomelodia.mus.br>), chama à atenção a resposta de Nengo Vieira, ex-parceiro de Édson Gomes, a respeito da presença do reggae no mundo evangélico, que ajuda a elucidar essa discussão em torno da ressignificação da fé na musicalidade reggaeira. Para ele:

O Reggae é uma música de gueto, de resistência e de luta. Por mais que tenha sido rejeitado na cena Gospel, hoje Deus tem derramado um “avivamento”, um gás novo na sua igreja. E todos os seguimentos musicais, inclusive o reggae, tem sido muito utilizados em eventos evangélicos como ferramentas atrativas para alcançar as almas.

Na mesma entrevista, ao ser questionado pela diferença de seu trabalho em relação ao feito com Édson Gomes, a resposta é precisa:

As diferenças são claras para aqueles que conhecem os dois trabalhos. No meu trabalho busco traduzir aquilo que tenho aprendido com Jesus Cristo. Procuro falar o que vivo e viver o que falo. Foco muito a salvação através do amor de Jesus, Jo 3:16.

Embora os dois tivessem desfeito a parceria amigavelmente e terem mantido essa postura depois, a resposta de Nengo Vieira reforça a tese que está sendo levantada aqui nesse trabalho de que o Édson Gomes produz uma musicalidade evangélica reggaeira, diferente da prática institucional, comprometida até com um mercado fonográfico específico desse tipo de religiosidade cristã.

Na perspectiva de Daniele Hevi-Leger (1999), o convertido é aquele tipo de religioso que se estabelece pelo enfraquecimento do poder regulador. Nesse sentido, a escolha por uma fé nos tempos modernos, onde a mobilidade social é intensa, não se dá necessariamente pelo fato do indivíduo ter nascido nela ou por força do convívio que também é regulador, mas, sobretudo pela escolha individual.

Édson Gomes e seu ex-parceiro de reggae, Nengo Vieira, hoje à frente da Banda Abrãao e adepto da Igreja Bola de Neve, em São Paulo, são dois tipos clássicos de convertidos dentro da concepção da intelectual francesa: **do indivíduo que muda de religião**. Entretanto, vale ressaltar uma diferença básica entre eles quando o assunto é música e ressignificação da fé. Embora não admita em suas entrevistas, Nengo nunca adorou Jah ou se considerou “rasta”, a quem chama de filosofia e não de religião. Veja que

ele, como praticante evangélico, recusa-se a reconhecer isso. Por outro lado, embora não deixe claro isso em entrevistas (aliás, parece meio avesso a elas), Édson Gomes em suas músicas e shows fala muitas vezes em Jah, mesmo depois de reconhecer Jesus como seu Salvador. As principais temáticas da fé jamaicana estão presentes em boa parte de suas 84 canções, isso é fato, o que reforça a idéia de conversão do mesmo.

Ainda assim, é importante destacar o que ele disse em entrevista a Fábio Góis, no dia 27 de fevereiro de 2008, no site Ibahia, do portal Globo.com: *“É uma religião filosófica, mas não a sigo. Eu leio a bíblia tenho como guia Jesus Cristo e não sou rastafári. Eu me visto de rastafári, gosto do movimento, do visual, mas na concepção de indivíduo não sou rastafári. Eu sou cristão”*.

Conceitualmente falando, o primeiro seria hoje uma espécie de “reggaeman” rastagospel, onde Jah é Deus e não a reencarnação de Jesus Cristo numa pessoa humana. Ele, embora convertido, parece não rejeitar num todo a vivência religiosa anterior (HERVIEU-LÉGER, 1999, 121), diferente de Nengo que se autodefine como sendo um *“evangelista de Jesus Cristo através do reggae”* em entrevista concedida a Alexandre Cruz em 12 de março de 2009, do portal Agenda Reggae (<http://www.agendareggae.com.br/noticias.php?id=552>). A postura móvel de um contrasta a observância militante do outro, mas em termo de afirmação de uma identidade religiosa, se aproximam como em tantos outros convertidos.

Nesse sentido, vale lembrar o que diz Daniele Hervier-Leger para entender essa postura resignificante da fé pela musicalidade reggae presente não só no Édson Gomes, mas em outros tipos modernos de convertidos: *“(...) a prática, que marca a sua integração na comunidade, marca também a reorganização ética de sua vida, reorganização na qual se inscreve a singularidade do seu percurso pessoal”* (HERVIER-LÉGER, 1999, p. 124).

Uma expressão usada em nota do texto de Márcia Leitão Pinheiro, *“ressignificações de sonoridade”* (p. 178) ajuda a entender o processo usado por Édson Gomes em sua musicalidade antes e depois de sua conversação (sobretudo depois desta). O reggae continua sendo a tônica, com a idéia do “soul rebel” de Bob Marley, de crítica social e de afirmação da negritude, mas com um elemento novo: a forma “Jah” (embora ainda usada) é substituída por “Deus”, “pai”, “Ele”.

Nesse sentido, a música “Inquilino das Prisões” (faixa 07 – CD Acorde, Levante e Lute, 2001) é emblemática. Nela, está presente a idéia de uma “mensagem religiosa contextualizada” e uma “via de atuação política” (PINHEIRO, 2007, p. 165).

Nunca é demais lembrar que a postura dos evangélicos, de um modo geral, é de aversão às influências africanas em qualquer aspecto da vida humana. A musicalidade africana presente na vida cultural brasileira é marcada pela sensualidade, pelo gingado e pelo swing, normalmente associados ao “maligno”. Qualquer aproximação com essa musicalidade pode por em risco a busca pela pureza e pela retidão de espírito e de conduta, despertando a noção de pecado pelo apelo da carne. Assim embora bem vinda na medida em que o propósito seja a conversão:

(...) as iniciativas, as idéias e o bens podem ser tomados como “perigosos” a partir da interpretação de que aproximam a igreja do pólo do mal, através da promoção da liberalidade ou expressões culturais de povos negros. (PINHEIRO, 2007, p. 166)

Esse tipo de associação pode ser verificado, por exemplo, quando se pensa no “rock in roll”, assim como o reggae, o blues, o jazz, todos de matriz negra africana. Segundo Márcia Leitão Pinheiro, isso acontece por que: “(...) *É alocado no pólo do mal o que não se enquadra na matriz musical européia, posto que se relaciona ao carnal, ao existente no mundo inferior*” (2007, p. 167).

RECORRÊNCIAS DE TEMAS RELIGIOSOS NAS MÚSICAS DE ÉDSON GOMES

Uma análise minuciosa das canções de Édson Gomes aponta aspectos importantes que confirmam a predominância de temas religiosos em sua musicalidade, mesmo antes da conversão à Igreja Evangélica, a convivência de temas díspares que se misturam numa fé ressignificada ao longo de sua trajetória, à luz de um dos modelos explicativos de “convertido” apresentado por Danièle Hervieu-Léger (1999).

Embora não seja de cunho religioso, mas em uma de suas músicas “Acorde, Levante e Lute” (faixa 1, do CD de mesmo nome, 2001), a expressão “Jah” aparece como uma aclamação de apelo pela luta de ser livre frente à exploração de proprietários e latifundiários do homem da mata.

Na canção “Adultério” (faixa 3, do CD Recôncavo, 1990), a expressão rastafári é usada pelo menos dez vezes. Segue o padrão das demais canções: um apelo religioso frente

a um problema social da vida brasileira, sobretudo com relação à violência e à falta de liberdade.

A música “Alma” (faixa 9, do CD Apocalipse, 1997) é particularmente interessante e curiosa do ponto de vista da religiosidade à luz da musicalidade reggae. É uma clara crítica ao Espiritismo: “*Dizem que os mortos falam com os vivos / Que vem pra dizer como estão (...) Fique atento e olho vivo (olho vivo) / São mentirosos hipócritas*”. Apesar disso, também pode ser encarada como um alerta aos falsos profetas que prometem o céu. Essa crítica a outros seguimentos do cristianismo também é dirigida ao catolicismo. Na expressão “*Todo santo dia / Pois todo dia é santo*”, presente na música “Árvore” (faixa 2, do CD Campo de Batalha, 1991) isso fica evidente. O mesmo pode ser verificado na música “Babylon Vampire” (faixa 5, do CD Apocalipse, 1997).

A temática escatológica (anúncio de fim dos tempos, profetizante) é freqüente nas canções de Édson Gomes. No geral, demonstra uma descrença com a raça humana (“*homem falível, sempre falível*” – “Bela Cidade” - faixa 4, do CD Resgate Fatal, 1995), com as coisas da terra (dominadas pelo cão – talvez, aqui, diabo, “coisa ruim”). Fala sempre de uma nova Babilônia, atual, e marcada pelos pecados sociais, como falta de liberdade, discriminação, prostituição, calamidade, entre outros males, e anuncia, por exemplo, com a música “Apocalipse” (faixa 6, do CD com mesmo nome, 1997) que o fim do mundo estaria aqui mesmo, na terra. Estaria acontecendo. Como também em “Resgate Fatal” (faixa 02, cd de mesmo nome, 1995) onde afirma: “*O mundo tem fim, sim / E todos seguirão / (...) Agora esta aqui, agora esta / Não há mais tempo a perder / Não, Não há / Agora esta aqui, agora esta / Não há mais tempo a perder / Não*”.

Ainda com relação a isso, a idéia do arrebatamento é tratada com domínio bíblico na música “A Arca da Fuga” (faixa 9, do CD Acorde, Levante e Lute, 2001). Aqui, Édson Gomes fala da necessidade de estar atento (que pode ser traduzido como vigília e conversão) para não ser pego de surpresa. Usa expressões do Cristo, como quem tem ouvido, ouça. Faz uma associação com o mundo antigo, onde as pessoas viviam também em perversão – “*Você está bebendo, está se drogando*”. A idéia de fuga aqui, religiosamente falando, também corrobora a idéia de que o mundo é cão e que as pessoas precisam se livrar das coisas terrenas que corrompem a alma. Observe que, embora se lhe

tenha atribuído a prática de apologia do uso da maconha a ele, o mesmo rechaça o vício, mostrando a conduta típica de um convertido, que rever sua postura ética e moral.

Na música que faz em homenagem a Zumbi dos Palmares, volta a rechaçar essa questão das drogas ou apologia às mesmas, apresentando o Cristo como condição de liberdade: *“Eu sou livre, sou, sou livre. Em Cristo sou livre. / Livre das drogas, livre dessas horas. / Livre da inveja, livre da hipocrisia. / Sou livre da demagogia”* - “Zumbi dos Palmares” (faixa 8, do CD Resgate Fatal, 1995).

Na música “Filho da Terra” (faixa 1, do CD/DDV Ao Vivo em Salvador, do ano de 2006), a religiosidade como uma experiência transcendental mesmo num plano terreno. A expressão “transar a mente” pode até ser confundida com um delírio alucinógeno, mas aqui fica claro que se trata de uma experiência espiritual, no contato com o Espírito Santo. Essa experiência religiosa, essa convicção numa realidade transcendental está acima de tudo, até mesmo de algo material que possa tirar a vida: *“Se por acaso o sistema (sistema, sistema) / Quiser tirar minha vida / Talvez até possa conseguir / Porém, minha alma, nunca (never) / Porém, minha alma, nunca (never)”* - “Fogo na Babilônia” (faixa 8, do CD Apocalipse, 1997).

Com o Apocalipse, a idéia de pagamento, muito presente, por exemplo, na música “Dívida” (faixa 1, do CD/DDV Ao Vivo em Salvador, 2006): *“De um lugar tão distante... / vira um homem, na suas mãos a justiça e o juízo. / quem tem dividas, / quem tem dividas / quem tem dividas ? pra pagar aiai”*; e também da música “Fato Consumado” (faixa 10, CD Resgate Fatal, 2006), onde além de reforçar a idéia de um Deus que salva, a certeza bíblica de que os homens de boa vontade como herdeiros de novos céus e novas terras. Ocorre o mesmo em outra música: *“Mas com certeza o quadro vai mudar / Com a pura certeza eles vão pagar / Mas pensam que podem fugir do castigo, meu pai / Eles pensam que podem conter o perigo”* – “Homens Lixo”, faixa 8 do CD “Acorde, Levante e Lute”, 2001.

Essa certeza da salvação pelo juízo final gera um apelo constante na música do Édson Gomes, quase uma oração de rogo. Veja, por exemplo, nessa passagem da música “Ira” (faixa 13, do CD “Apocalipse”, 1997): *“Oh Deus... / Toque apenas, com as pontas dos teus dedos / E tudo se resolverá, tudo se resolverá / E tudo se resolverá / O povo se acalmará Senhor Deus”*. Ou ainda, na música “Sistema do Vampiro” (faixa 03, CD

Samarina, 2003): *“Eh! vive sugando todo povo / Vem cá, meu Deus, desça de novo / Ouça meu grito de socorro / Pai, escuta a voz desse teu povo”*.

A discussão sobre o arrebatamento, também remete a outra reflexão que o artista faz com recorrência. Trata-se da idéia de que ele pertence ao mundo, mas não é do mundo: é de Jesus. Na música “Babylon Vampire” (faixa 5, do CD Apocalipse, 1997) isso é muito presente. Observe que mesmo antes de assumir uma postura evangélica, o cantor já verbalizava musicalmente sua condição religiosa, mesmo fazendo alusão a expressões, gestos e rituais do rastafári, como aqui em “Barrados”: *“Acredito em tudo aquilo que faço / e persisto em tudo aquilo que faço / acredito naquele que vem do espaço / DEUS de Abrão, Jacó, Isaac virá / e nele toda minha esperança de / paz, saude e alegria ô jah jah jah jah jah jah”* (faixa 6 e 10, do CD e DVD “Ao Vivo em Salvador”, 2006). No mesmo CD, introduz a faixa 04, “Criminalidade” (talvez um dos maiores sucessos de Édson Gomes, ao lado de Camelô e Malandrinha), orando assim: *“Jah, Jah, Já!. O Deus invencível, o espírito vivente que nunca morre / o criador de todas as coisas: Jahhhhhhh!”*

Apesar do tema “morte” transitar uma parte significativa de suas letras e canções, assim como a paz e o amor, eles não são tratados do ponto de vista religioso, mas social: como uma realidade dura e cruel da vida brasileira, por um lado, e a esperança de mudanças por outro. Somente na música “Lili”, quando se refere à morte, ele crê numa continuidade da vida: *“Vamos levante lute / Vamos levante ajude / Vamos levante grite / Vamos levante agora/ Que a vida não parou / A vida não para aqui / A luta não acabou / E nem acabará / Só quando a liberdade raia”* (faixa 2 , do CD Recôncavo, 1990).

Como se vê, Édson Gomes faz uso da fundamentação bíblica do Antigo Testamento, com menções constantes à Babilônia e a personagens e profetas como Noé, Isaac, Abraão, Jacó. O artista chega a compor uma música, cujo tema central e título é o nome do profeta Isaac (faixa 6, do CD Resgate Fatal, 1995). Aqui a mensagem bíblica mais uma vez mistura-se à musicalidade reggae como um apelo de alento de alegria, via música e canto, para o povo, que anda passando fome. O “reggaeman” baiano batizou seu filho com o nome do profeta (Isaac Gomes) e este já desponta como mais um novo talento do estilo jamaicano: *“Meu filho, vamos dançar esse reggae / Isaac, vamos cantar esse reggae...”*. Numa música “Serpente” (faixa 04, CD Avante, Levante e Lute, 2001), uma clara alusão ao Livro de Gênesis: *“A serpente gerou o mal / És a serpente própria”*.

Em show gravado ao vivo e que virou CD e DVD em 2006, em Salvador, o cantor assim introduz a música “Lei do Engano”:

Uma canção nova: Lei do Engano. Ao longo desses anos todos, eles nos ensinado tantas coisas enganosas, e uma delas é a religião deles. Eles têm ensinado a nossos pais e nossos pais nos ensinado, transmitindo de geração à geração os enganos. Mas o Deus de Abraão, Isaac e Jacó despertou e traçou um novo plano para todos aqueles que estão atentando para Ele, para o caminho Dele, e Ele ta instruindo, e Ele está abrindo os olhos, e Ele está dando entendimento para que todos os homens e todas as pessoas possam ter entendimento e possam saber que todos esses anos que nós vivemos e estivemos mergulhado no engano... Mas agora o Deus de Abraão, Isaac e Jacó, por misericórdia, nos deu o teu Filho e derramou o seu sangue, traçou um caminho dentro das trevas para nós passarmos e nos livrarmos do perigo. Jah! (Édson Gomes – “Lei do Engano – faixa 07, disco 2, do CD “Ao Vivo em Salvador”, 2006).

É o momento de sua discografia onde o artista se mostra mais engajado com a fé cristã, apesar de encerrar sua fala gritando “Jah”. A música “Lei do Engano” é, quanto a isto, particularmente importante. Dividida em três partes, expõe sua visão sobre Deus e sobre a crença nele. Na primeira parte, volta a criticar o espiritismo de forma indireta: “*Eu ouço dizer por ai / Que já vivi tantas vidas / E vou viver ainda / Então pode ver por ai / Quem falou já morreu / E não voltou ainda / É lei do engano / Lei da mentira*”. A crítica também se volta para as ciências, filosofias e ideologias na segunda parte: “*Eu vejo a ciência / Vejo filosofias / Também vejo a loucura / Dessa idolatria / Vejo falsidade por toda a cidade*”. Na última parte, deixa clara a sua opção religiosa, que é a crença no Cristo: “*Quem crer no Cristo / Já tem a vida / Quem não crer no Cristo / Não sabe ainda / Quem crer no cristo / Tem consciência / Que ressuscita, ressuscita / E ressuscita, ressuscitarás*”.

Mesmo evangélico, Édson Gomes continua usando a expressão Jah do Rastafári. Sua intenção parecer ser referir a Deus com essa idéia, que também é uma sonoridade religiosa do reggae. Outra ora também usa Senhor, Ele, Pai, enfim, é outra constante em suas músicas e shows. Normalmente em forma de grito e de louvor, apontando o braço em riste para cima, como a indicá-lo do alto. O artista chega a compor uma música, “Louvor a Jah” (faixa 3, CD Recôncavo, 1990), onde essas questões ficam evidenciadas: “*Louvar a jahh... foreverrr jahhh... louvarrr / jahh...foreverrr / jahh... / Vou agradecer a deus...por ele ter me protegido... / Por ter me dado seu abrigo.. Qdo eu estava ferido... / Quase mesmo destruído*”.

Reservado, Édson Gomes não se mostra muito intimista com suas questões, sua vida, sua trajetória, sobretudo relacionada à fé, exceção feita à música “Luz do Senhor” (faixa 3, do CD Resgate Fatal, 1995), onde afirma sua fé no Deus de Abraão e na capacidade que este tem de limpar a sua imagem perante a sociedade. No refrão, repete: “*É com a luz do senhor baby, / eu estou na luz do senhor, / e com a luz do senhor a gente vence*”.

Na música “O País é Culpado” (faixa 2, do CD Apocalipse, 1997), de cunho social e de engajamento político, Édson Gomes reafirma sua fé em Cristo e dessa vez sem a expressão Jah. Culpa o país pelas mazelas sociais e acredita que tudo isso é passageiro enquanto Jesus não voltar: “*Somos sobreviventes do tempo / Somos filhos da santa esperança / Somos passivos resistentes / Mergulhados em toda essa lama / (...) A razão do nosso viver, meu Deus / É Teu Filho, que vem nos salvar*”.

A análise das músicas e discursos de Édson Gomes, disponíveis, demonstra um tipo de crente vacilante (*Preciso segurar essa onda / Que quer me afogar / Preciso segurar essa onda / Que quer me afogar*) - “Perdido de Amor”, faixa 1, do CD Apocalipse, 1997), mas fiel, que reverte a situação de revés e dor para afirmar seu amor pelo Cristo. Isso não significa necessariamente que se aplique a ele, dada a liberdade criativa do compositor que pode falar dele ou não. Talvez isso demonstre a necessidade da conversão, que embora não seja sistêmica, como a dos casos aqui citados, reafirmam a idéia do ne-convertido dos tempos atuais, de que Daniele Hervier-Lerger fala com tanta propriedade. Esse tipo ideal de convertido, ajuda também a entender o movimento social do religioso na contemporaneidade: liberto, mas crente às convicções; capaz de ter uma visão intimista de uma tradição de fé, que permite simbioses aparentemente estranhas e paradoxais com Jah e o Deus cristão.

Das vezes que se refere ao Rastáfi, Édson Gomes não o faz com conotação religiosa, mas como um estilo de vida, de dança, de som e de protesto reggae às injustiças e mazelas sociais. Uma espécie de “vibração positiva”.

A única vez que se refere ao inferno em suas músicas, o localiza como sendo a própria existência humana, com suas dificuldades: “*Sim, somos nós os marginais / Sim, somos nós brutalizados / Os favelados dos porões do inferno / O inferno é aqui / (...) Sim,*

somos nós filhos de jah / Sim, somos nós perseguidos” (Somos Nós, faixa 04, CD Campo de Batalha, 1991).

Sobre a temática Criação, Édson Gomes introduz a música Traumas (faixa 09, disco 1) em seu DVD do Show Ao Vivo em Salvador (2006), manifestando princípios Bíblicos que remetem novamente ao Antigo Testamento: *“No princípio, Deus criou o céu e a terra e todas as coisas... criou o homem e a mulher. E o homem evoluiu e construiu o mundo, mas a pedra principal, nós deixamos apra trás...”*. Essa pedra, segundo ele seria o amor, que na música aparece assim: *“O amor foi a pedra que faltou no alicerce da nação / Esse amor és a pedra que sobrou nessa nossa construção / E o amor que os cantores cantam / Não junta a família / Não soma, não junta a família”*.

Na música “Revelação”, Édson Gomes afirma que a terra e os homens estão dominados por uma força negativa, capaz de causar todos os problemas, especialmente os de ordem social. Mais uma vez, mostra a idéia de que Jesus, aqui referido com a expressão “homem santo” virá fazer o resgate das pessoas e mudar céus e terra. Observe que a idéia é típica dos que professam a fé evangélica cristã: *“(...) Sei que vem um homem santo / Pra retomar das mãos do maligno / Vem recuperar o que foi destruído / Pra retomar das mãos do maligno / Vem recuperar o que foi destruído / E libertar...”* (faixa 04, CD Campo de Batalha, 1991).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a ótica da musicalidade, Édson Gomes pode até ser encarado como um autêntico evangélico. Porém, ao nível da prática está mais para convertido. Sua música pode até atrair os “irmãos” de fé, mas não são absorvidas pela instituição. Quem vai ao show do cantor, ainda reconhece o mesmo público de sempre, aquele que o acompanha desde o início da carreira. E a julgar por sua postura, formas de se portar e vestir, essa massa está longe de uma atitude evangélica. Aqui e ali, talvez alguém se sinta tocado pela mensagem religiosa presente em sua musicalidade. Ela talvez até ajude a provocar novas formas de contato com o sagrado, sobretudo pelo apelo à diversão. Mas a maioria daquela platéia, ainda faz apologia à maconha e ainda vê a polícia como um braço forte do sistema, que agride camelôs e suprime a liberdade de ir e vir.

Afora isso, não se deve negar que a musicalidade de Édson Gomes ganhou nova diretriz após sua conversão. “A produção musical contribui para as (re)composições realizadas pelos adeptos e também pelos produtores musicais. Eles são capazes de apresentar novas práticas, novas concepções, novos temas e questões, dinamizando, assim, o meio religioso” (PINHEIRO, 2007, p. 174).

Édson Gomes se insere no que na obra de Danièle Hervieu-Léger (1999) é denominado como sendo uma “individualidade da condição religiosa”. A idéia de um pertencimento religioso que não é imposto por herança. Embora nunca tivesse sido adepto do Rastafári de primeira hora e apregoado suas idéias e crenças, o artista se volta para o cristianismo espontaneamente, ressignificando a sua fé em sua musicalidade, sem abandonar o tom contestador, de cunho social e político.

Aliás, ele já anunciava isso dez anos antes de congregar-se à Igreja Evangélica (mesmo que essa experiência institucionalizada não durasse dois anos), quando em entrevista ao Portal do I Bahia Globo (1990), assim se definia ao ser contestado se era religioso: “Religioso não. Sou espiritual crente, que crê em um Deus e em Jesus Cristo, mas não na versão católica. Creio em Jesus Cristo da Bíblia”.

REFERÊNCIAS

Livro:

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: M.M. FERREIRA e J. AMADO (orgs.), Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2003.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. O Peregrino e o Convertido: a Religião em Movimento. Lisboa: Gradiva, 1999.

Capítulo de Livro:

BURDICK, John. "Pentecostalismo e identidade negra no Brasil: mistura impossível?" In: Y. Maggie e C. B. Rezende. Raça como retórica - a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

GUERREIRO, Goli. (1997), "Um mapa em preto e branco da música na Bahia: territorialização e mestiçagem no meio musical de Salvador (1987/1997)". In: L. Sansone, J. T. Santos (orgs.). Ritmos em trânsito: sócio-antropologia da música baiana. São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador: Programa A Cor da Bahia e Projeto S.A.M.B.A.

Artigo:

CUNHA, Olivia. M. Gomes da. Fazendo a 'Coisa Certa': Reggae, Rastas e Pentecostais em Salvador. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 8, n. 23, p. 120-137, 1993.

Dissertação:

CUNHA, Olivia. M. Corações Rastafari; lazer, política e religião em Salvador. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional, UFRJ, 1991.

Artigo na Internet

Édson Gomes – Cantor. Entrevista a Fábio Góis (1990). Disponível em: <http://ibahia.globo.com/entrevistas/artigos/default.asp?modulo=1990&codigo=93906>.

Acessado em 22 de julho de 2010.

Entrevista do Mês: 02.05.2002. Édson Gomes. Por Antonio Carlos da Fonseca Barbosa. Disponível em In:

http://www.ritmomelodia.mus.br/entrevistas/entrev%202006/05%20edsongomes/entrev_edsongomes.htm. Acessado em 21 de julho de 2010.

Entrevista do Mês: 02.11.2007. Nengo Vieira. Por Antonio Carlos da Fonseca Barbosa. In: http://www.ritmomelodia.mus.br/entrevistas/entrev%202007/11%20nengovieira/entev_nengovieira.htm. Acessado em 21 de julho de 2010

O reggae de raiz - Diário do Nordeste. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=31631>. Acessado em 22 de julho de 2010.

PINHEIRO, Márcia Leitão. Música, religião e cor: uma leitura da produção de black music gospel. *Relig. soc.* [online]. 2007, vol.27, n.2, pp. 163-180. ISSN 0100-8587. doi: 10.1590/S0100-85872007000200008.

Discografia

GOMES, Édson. Reggae Resistência. São Paulo: EMI Odeon, 1988. LP/CD.

_____. Recôncavo. São Paulo: EMI Odeon, 1990. LP/CD.

_____. Campo de Batalha. São Paulo: EMI, 1991. LP/CD.

_____. Meus Momentos 1. São Paulo: EMI Odeon, 1994. CD.

_____. Meus Momentos 2. São Paulo: EMI Odeon, 1994. CD.

_____. Resgate Fatal. São Paulo: EMI Odeon, 1995. CD.

_____. Apocalipse. São Paulo: EMI Odeon, 1997. CD.

_____. Acorde, Levante e Lute. São Paulo: Atração, 2001. CD.

_____. Identidade. Coletânea. São Paulo: EMI Odeon, 2002. CD.

_____. Samarina. Coletânea. São Paulo: EMI Odeon, 2003. CD.

_____. Ao Vivo em Salvador. São Paulo: Atração, 2006. CD/DVD.